



**J**IM SKINNER, principal investigador da promotoria pública, bateu na porta de uma casa modesta em Clóvis, Novo México, em uma visita de rotina. O banco da região informara ao promotor Randall Harris, seu chefe, que uma viúva de 78 anos acumulava débitos estranhamente altos em seu cartão de crédito: mais de nove mil dólares. O banqueiro do local queria que alguém verificasse se estava tudo bem.

# *Caca a três ladrões*

MARCIE BERNAL MCKENZIE

Durante anos, os vigaristas tomaram dinheiro de milhares de pessoas. Até que um advogado do interior passou a cuidar do caso

– Lumsden Bennett? – perguntou Skinner, quando uma senhora de óculos e cabelos grisalhos apareceu por trás da porta.

– O que está fazendo aqui? – indagou ela.

Skinner era um homem de maneiras suaves, que tinha como marca registrada as botas de vaqueiro que o faziam parecer maior do que seus quase dois metros de altura. Logo lhe explicou o motivo da visita.

– Se alguma coisa está errada, gostaria de ajudar – concluiu.

A senhora Bennett o convidou a entrar e mostrou-lhe uma pilha de produtos baratos: um plástico com cosméticos, um pequeno purificador de água, vidros de vitaminas. Explicou que, meses atrás, havia recebido um telefonema de uma empresa de televendas, a K&M, da Califórnia.

– Disseram que eu tinha tirado um prêmio em um sorteio.

Logo, um vendedor bem-falante lhe contou que para “se candidatar” a um dos prêmios grandes – um carro, uma TV, um videocassete – era preciso adquirir mais alguns produtos.

– Comprei deles – disse com embaraço –, mas não ganhei mais nada.

A K&M continuou insistindo para que ela participasse de novos concursos e sorteios.

– Pedi que eles parassem, mas não pararam.

Skinner a ouvia atentamente.

– Posso gravar as ligações – disse, explicando que a lei estadual assim o permitia, desde que as gravações fossem feitas com o consentimento de uma das partes envolvidas. – Tenho um

aparelho no carro.

A senhora Bennett concordou.

Skinner instalou o gravador e já estava se despedindo, quando tocou o telefone. A mulher fez um sinal de que eram *eles*.

Pelo seu tom de voz, era evidente o quanto aquilo a abalava. Ao desligar, minutos depois, estava à beira das lágrimas.

Skinner a acalmou e em seguida foi com a fita para o escritório, um cubículo apertado no segundo andar de um prédio de tijolinhos vermelhos, onde funciona o Tribunal Municipal de Clóvis. Enfiou a fita no gravador e ouviu a vendedora La-Tishia Powers, da K&M, humilhar a senhora.

Ficou atônito com o tom usado pela vendedora. Ligou para o escritório da K&M, em Anaheim, na Califórnia, e foi encaminhado para Jim Alpert, que se apresentava como “gerente de relações com a clientela”. Explicou-lhe o incidente, acrescentando que era aconselhável que a K&M não voltasse a procurar a senhora Bennett.

– Pode deixar – respondeu Alpert.

*Provavelmente, trata-se apenas de um punhado de vendedores agressivos, pensou Skinner. Pelo menos, está tudo acabado.*

Mas pouco depois, Lumsden Bennett estava ao telefone. La-Tishia Powers tinha acabado de ligar e lhe dizer que Jim Skinner “apoiava” a K&M.

Ele garantiu para a mulher que era tudo mentira. Decidiu gravar mais conversas telefônicas na linha da senhora Bennett.

– Providenciou o que nós havíamos combinado? – indagou La-Tishia, al-

guns dias depois.

– Não quero arriscar mais – respondeu a senhora Bennett, com a voz trêmula. – Tenho que viver.

– Viu quantas vezes já liguei para você? – vociferou a vendedora. – Seis ou oito pessoas vão continuar ligando até tudo se resolver.

Um homem entrou na linha.

– Aqui quem fala é o Sr. Copfer, um dos vice-presidentes. Por que não podemos lhe dar um carro novo?

– Não tenho dinheiro.

– Não é o que diz a sua conta bancária.

– Que conta? – perguntou Bennett.

– Deixe de conversa mole, Lumsden – berrou o homem. – Será preciso que alguém lhe dê uma martelada na cabeça para que acorde?

A senhora Bennett tentou protestar.

– Deixaremos que faça um cheque com uma data anterior – pressionou Copfer. – Pegue seu talão.

– Não vou fazer cheque nenhum – retrucou a mulher, com voz vacilante.

– Tudo bem, então vamos debitar no seu cartão de crédito.

– É melhor não fazê-lo – disse Bennett, desligando o telefone.

Depois de ouvir a fita, Skinner correu ao escritório do promotor Randall Harris.

– Randy, gostaria de abrir um inquérito.

Skinner logo descobriu que a K&M era a criação de David Wetherill, 37 anos, John Woods, 56 anos, e James Alpert, 44 anos. O trio estava envolvido, há muitos anos, com uma série de empresas de telemarketing suspeitas. Nu-

meras queixas de consumidores já haviam sido registradas contra eles em praticamente todos os estados, mas os três se mantinham fora do alcance da lei. A K&M pagava as multas. Os processos eram raros. No meio tempo, o império de telemarketing havia transformado Woods, Wetherill e Alpert em milionários com elevados padrões de vida e mansões em Dana Point, na Califórnia, e em Las Vegas.

Ninguém havia conseguido pegar os donos da K&M, mas os dois advogados da pequena cidade de Clóvis tinham uma arma: as gravações feitas na casa da senhora Bennett. Se La-Tishia e Copfer fossem para a cadeia, provavelmente acusariam seus patrões.

Ao apresentar as fitas ao júri em agosto de 1991, Harris chamou a atenção para a ameaça de débito no cartão de crédito da senhora Bennett, caso ela se recusasse a fazer um cheque. Powers e Copfer foram indiciados por tentativa de fraude, formação de quadrilha e extorsão.

Skinner e Harris foram procurados por um advogado encarregado de representar a K&M.

– O que vai ser preciso para encerrar o assunto? – foi logo perguntando. – Quanto é que a K&M vai ter de desembolsar para resolver o problema?

– Bom – começou Harris, sem entender direito o que o advogado queria dizer –, uma das vítimas, Lumsden Bennett, perdeu mais de nove mil dólares.

– Vou fazer um cheque de 15 mil dólares – retrucou o advogado, pegando a caneta.

Surpreendido pela tentativa de su-

bornos, Harris tentou detê-lo.

– Tudo bem – exclamou o advogado. – Dou-lhe 20 mil dólares.

– Um momento – reagiu Harris, furioso. Com algumas palavras bem escolhidas, expulsou o sujeito do seu escritório.

Sob a ameaça de ir para a cadeia, La-Tishia Powers encontrou-se com Skinner e Richard Klein, promotor-assistente para o Novo México, e concordou em cooperar, caso fossem retiradas as acusações que lhe pesavam. Contou que o principal alvo da K&M eram os idosos e os sorteios não passavam de picaretagem.

– Ninguém ganha os prêmios grandes. Há ocasiões em que cobramos duas vezes pela mesma mercadoria no cartão de crédito do cliente – contou.

Pouco depois, Mark Copfer declarou-se culpado e obteve uma redução na sentença.

Wetherill, Woods e Alpert foram indiciados no dia 6 de abril de 1992 por 28 casos de fraude e extorsão. Os advogados dos três réus garantiram que, no outro dia, seus clientes se apresentariam voluntariamente ao tribunal para a citação. Mas na manhã seguinte, só apareceram os advogados, anunciando ignorar o paradeiro dos três. Wetherill, Woods e Alpert se transformaram em fugitivos.

O escritório de Jim Skinner é cheio de lembranças do passado: um diploma universitário, prateleiras com centenas de livros, um peixe empalhado e a pele de um antílope. Mas o objeto mais revelador é um pôster emoldurado de nome *A Posse*. Mostra um xerife dos tempos do banguê-banguê, cerca-

do por seus assistentes. Estão a cavalo, seguindo pistas. A gravura foi um presente do pai de Skinner, um oficial de carreira do Exército. “Não desista nunca”, aconselhava, “jogue o laço ou cave um túnel e vá por baixo da terra. Improvise. Mas nunca aceite um ‘não’ como resposta.”

Neste caso, o conselho caía como luva. Os fugitivos eram espertos, ricos, com todos os meios para deixar o país a menos que Skinner agisse rapidamente. Mandou um telex para os escritórios do FBI, do outro lado do país, pedindo ajuda e, em seguida, entrou em contato com o escritório da Procuradoria da República em Nevada e com o Departamento de Justiça, na Califórnia, para conseguir homens que fizessem averiguações nas casas dos fugitivos, de seus parentes e associados.

Skinner também ligou para o filho de Wetherill, em Las Vegas. O jovem, na casa dos 20 anos, era evasivo, mas Skinner tinha persistência. A cada conversa, reiterava:

– Não vou parar de procurar seu pai. Ele nunca vai ter um instante de sossego. Todos que o ajudarem vão se ver comigo.

O filho de Wetherill acabou abrindo o bico e fornecendo pistas que levaram Skinner a crer que o pai havia feito transferências de fundos para as Ilhas Cayman. Suspeitando se tratar de um caso de lavagem de dinheiro, Skinner informou o FBI em Las Vegas.

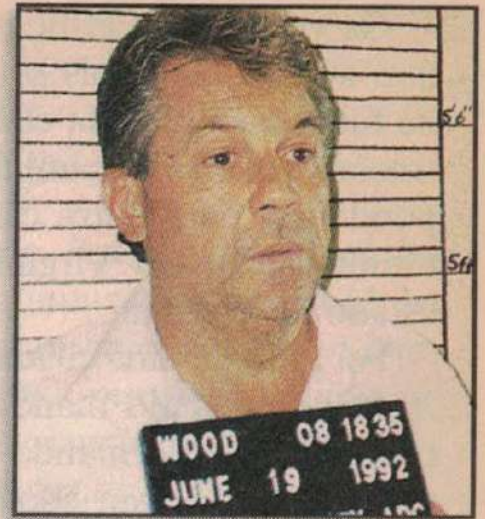
Dias depois, o Departamento de Polícia de Oceanside, Califórnia, apareceu com as primeiras novidades do caso. Dennis Poletti, um dos principais



Alpert



Wetherill



Woods

agentes de telemarketing da K&M, foi descoberto escondido em um motel, aterrorizado com a idéia de estar sendo perseguido por um detetive do Novo México. Skinner pegou um avião para a Califórnia no dia seguinte.

Com medo de um processo, Poletti concordou em cooperar, entregando arquivos de computador com os registros dos negócios feitos pela K&M. A informação estava criptografada. Poletti jurava desconhecer a senha. Sabia apenas que tinha alguma relação com o jogo de golfe.

Em seguida, uma secretária da K&M revelou que tinha enviado carteiras de motorista falsificadas via Federal Express para a casa da mãe de Wetherill, em Louisiana. Skinner conseguiu que os nomes falsos fossem incluídos no Centro Nacional de Informações sobre o Crime (NCIC), um banco de dados do FBI, e telefonou para a polícia do Estado de Louisiana, que entrou no caso. Mas a essa altura, a casa da mãe de Wetherill já estava vazia.

Antes de Skinner deixar a Califórnia, os oficiais do Departamento de

Justiça do estado lhe mostraram uma assustadora coleção de fotografias. Os vendedores da K&M encorajavam seus "clientes" a lhes enviar fotos em que apareciam com "prêmios" baratos "ganhos" em sorteios fajutos. Os vendedores colavam as fotos em uma parede do escritório da K&M, com legendas maliciosas do tipo "Que idiota!" ou então "Veja só a cara do palhaço."

Horrorizado, Skinner sacudiu a cabeça. De volta ao escritório em Clóvis, pregou fotos de Wetherill, Woods e Alpert em um quadro de cortiça.

Semanas depois, Skinner recebeu um telefonema do agente especial Chris Phillips, do Departamento de Estado dos EUA. Haviam recebido três pedidos suspeitos de passaporte. Todos tinham números recentes do Seguro Social e caixas postais como endereço. Quando Phillips foi verificar os nomes no banco de dados do NCIC, eles coincidiram exatamente com os nomes falsos registrados por Skinner.

— Temos de descobrir onde esses caras planejam pegar os passaportes — disse Skinner.

Os oficiais de Justiça descobriram que as caixas postais serviam apenas de fachada. Em cada caixa, havia instruções para se encaminhar a correspondência para outra caixa postal. A última ficava em Virgínia Beach, no estado de Virgínia.

Foi armada uma cilada. O Departamento de Estado mandou cartas aos candidatos, informando-lhes que os passaportes haviam sido remetidos pelo correio. A última caixa ficou sob vigilância. Quando Wetherill e Woods apareceram, em 4 de junho, foram presos na mesma hora.

Um furgão comprido, com tela de arame nas janelas aproximou-se da entrada lateral do tribunal de Curry County. A poucos metros, Skinner se apoiava em um corrimão de ferro, observando impassível os passageiros saírem pela porta dos fundos.

Eram sete prisioneiros, com correntes nas pernas e algemas nas mãos, agarrados a saquinhos plásticos com objetos pessoais. Enquanto se arrastavam, vestidos com macacões cor-de-abóbora, Skinner percebeu que cinco deles pareciam ser quem ele procurava, com barbas bem-tratadas, músculos trabalhados e tatuagens. Dois se destacavam: bem penteados, corpos atléticos, com o belo bronzeado proporcionado por horas em campos de golfe. Ao passarem, Skinner sorriu.

– E aí, rapazes – exclamou, suspendendo o chapéu de vaqueiro –, bem-vindos ao Novo México, a terra dos encantos.

Wetherill se deteve.

– Você só pode ser Jim Skinner.

Com dois de seus cúmplices na ca-

deia, Alpert se apresentou e declarou-se culpado. Mas Wetherill e Woods conservaram a arrogância. No tribunal, sorriam ironicamente quando seus bem-remunerados advogados lhes obtinham adiamentos na data do julgamento.

Skinner dedicou o tempo extra a uma boa causa. Até então, ninguém tinha sido capaz de chegar à senha que dava acesso às informações contidas nos arquivos de computador com os registros comerciais da K&M. Skinner continuava tentando, diante de um *laptop*, digitando termos de golfe do tipo *putt*, *bogey* e *caddy*. Certo dia, Harris escutou um berro vindo do escritório do colega. “*Hole in one!*”, exclamou Skinner. Finalmente tinha obtido acesso aos arquivos.

Os dois observaram páginas e páginas de texto saírem da impressora: dados sobre dezenas de milhares de clientes lesados pela K&M.

Skinner descobriu, com a ajuda de Clair Elkington, agente especial do FBI, que somas expressivas estavam sendo transferidas da conta de Wetherill nas Ilhas Cayman para as contas de sua mãe, da irmã e de alguns amigos. Em um último gesto de desprezo à lei, Wetherill se utilizava do telefone da cadeia para fazer a família movimentar o dinheiro.

Depois de um ano de prisão, Wetherill e Woods apareceram na sala de visitas da cadeia municipal. O bronzeado havia sido substituído por um tom de pele leitoso. Skinner sentou-se com os dois e lançou seu trunfo.

– O negócio é o seguinte – começou, espalhando documentos que da-

vam detalhes das transferências monetárias –, vou atrás dos seus parentes, porque vocês fizeram isso tudo daqui da cadeia.

Pelo olhar de Wetherill, Skinner sabia que havia tocado na ferida. Seu advogado logo começou a tentar um acordo. E o advogado de Woods o imitou.

Em 20 de agosto de 1993, Jim Skinner e Randall Harris observaram David Wetherill e John Woods se levantarem diante do juiz e declararem-se culpados de fraude e formação de quadrilha. Wetherill foi condenado a 18 anos e Woods, a 16 anos e meio. James Alpert, que concordara em cooperar, recebeu pena de 13 anos e meio.

Depois que tudo chegou ao fim, Skinner voltou para seu escritório e carimbou as fotos dos três criminosos de colarinho branco: “Culpado!”

---

*A Comissão Federal de Comércio, que fechou definitivamente a K&M, estima que os consumidores foram lesados em algo em torno de 58 milhões de dólares, uma das maiores operações ilegais de televendas do país. Do total recuperado como resultado da caçada eletrônica de Skinner, cerca de 250 mil dólares serviram para pagar os custos e os prejuízos de mais de 400 vítimas da K&M no Novo México. Neste valor, estavam incluídos mais de nove mil dólares para a senhora Lumsden Bennett.*



### **Perigo: Zona de Burocracia**

VOCÊ PODE SER um burocrata se:

- Contou os lápis na gaveta de sua mesa.
- Sabe a data exata de sua aposentadoria, ainda que faltem mais de cinco anos.
- Acredita que quanto mais regras para empregados, menores os problemas com eles.
- Seus colegas de trabalho acertam o relógio pela sua ida matinal ao banheiro.
- Sua ida ao banheiro representa a realização mais satisfatória do dia.

Dale Dauten, King Features

### **E quem precisa de júri?**

MEU PAI, homem honesto e muito trabalhador, apresentou-se ao juiz para explicar a razão de não querer fazer parte de um júri.

– Meritíssimo, minha pequena mercearia é o único sustento de minha mulher e de meus oito filhos. Para poder ser jurado, tenho que fechar a mercearia e não posso me dar a esse luxo.

– Sr. Jones, e se todos fossem como o senhor? – perguntou o juiz.

– Meritíssimo, se todos fossem como eu, o senhor não precisaria de um júri.

Glenda J. Wood, EUA